

Uma tucana no comando do Prodasen

Olimpio Cruz Neto

Da equipe do **Correio**

A mulher é tucana de carteirinha. Funcionária há quase 30 anos do Serviço de Processamento de Dados do Senado Federal (Prodasen), Regina Célia Borges, que detonou ontem o mais barulhento capítulo da crise política apontando o envolvimento dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (PSDB-DF) na violação do painel eletrônico do Senado, é filiada ao PSDB candango. Ex-coordenadora da campanha de Maria de Lourdes Abadia ao governo do Distrito Federal, em 1994, Regina teve certa atuação na política partidária da cidade. Pelo menos até 1997. Naquele ano, alçou vôo mais alto chegando ao topo da carreira no Prodasen: a diretoria-geral.

Eleita por maioria esmagadora dos colegas, numa votação promovida pela associação dos servidores, Regina foi conduzida ao cargo de diretora respaldada

pelo apoio de Arruda. Faltando apenas seis meses para se aposentar, a ex-diretora é respeitada pelos colegas, reconhecida por sua competência técnica. É tida como "pé-de-boi". Quer dizer, é uma funcionária caxias. Muitos dos funcionários do Prodasen ficaram ontem surpresos com suas revelações. "Ela jamais tomaria a iniciativa de violar o painel, a não ser que tenha recebido mesmo essa pressão tão grande", opina um colega.

Atual líder do governo federal no Senado, figura importante na cúpula nacional do PSDB, Arruda a conheceu no ninho tucano em 1996, quando veio egresso do Partido Popular (PP). Nessa época, Regina tinha trânsito livre dentro das diversas correntes dentro do PSDB local, tendo se aproximado do grupo político do ex-deputado federal Sigmaringa Seixas. Hoje filiado ao PT, Sigmaringa dava o verniz de esquerda ao brilho dos tucanos brasileiros.

"Ela sempre estava ao lado de Sigmaringa nas discussões dentro do partido sobre as eventuais aproximações com o PT, tese muitas vezes defendida por ele", recorda-se um importante dirigente do partido em Brasília. "Ela realmente me ajudou

muito quando fui candidato ao Senado e em algumas teses partidárias", lembra Sigmaringa, que saiu do PSDB para integrar o PT em 1997. "Nas duas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI) das quais participei (do Orçamento e de Collor) ela sempre foi muito solícita. Aliás, todo o corpo técnico do Prodasen".

De acordo com um líder tucano brasileiro ouvido pelo Correio, Arruda se aproximou de Regina quando entrou no PSDB. Aproximaram-se tanto que em 1997, quando ACM assumiu a presidência do Senado, Arruda indicou para a diretoria do Prodasen. Como ela estava respaldada pela votação expressiva dos servidores do órgão, ACM aceitou a indicação e a nomeou para o cargo. "Mas não era difícil nomeá-la, dada a sua qualificação técnica", afirma Sigmaringa.

"A partir daí, a Regina deixou o partido um pouco de lado, dedicando-se ainda mais à vida administrativa do Prodasen", revela o mesmo dirigente tucano. A ligação com Arruda, entretanto, continuou nos últimos quatro anos, mesmo ela tendo Antonio Carlos Magalhães como o chefe imediato, à frente da presidência do Senado.